

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

MEMÓRIA E VERDADE NAS DISTOPIAS LITERÁRIAS

Carolina Dantas de Figueiredo

caroldanfig@gmail.com

Doutoranda em Comunicação Social

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Introdução

As distopias literárias são obras que tratam de um futuro hipotético onde o controle exercido sobre os indivíduos é total e irrestrito. Tal controle tenta se estender inclusive sobre a memória dos sujeitos, como forma de controlar seu passado e por conseguinte, seu futuro. Em *Admirável Mundo Novo*, *1984* e *Fahrenheit 451*, a questão da memória é retomada constantemente por Huxley, Orwell e Bradbury, respectivamente. Em comum a estes autores está a função da memória de dotar a vida dos personagens de sentido, oferecer-lhes explicações e potencial crítico que acabam por culminar no confronto direto com os regimes que os oprimem. As memórias dos personagens se entrecruzam com o discurso oficial dos regimes distópicos, discurso este que insiste em suas próprias verdades e nega o factual em nome delas. Nos regimes distópicos evidencia-se a necessidade de haver um controle da verdade pelo grupo que detém o poder, com isso, todo saber não-oficial ou que seja desinteressante para os detentores do poder é sistematicamente abolido. Neste processo a história é modificada de modo que não existam vestígios materiais para provar ou negar o que está sendo dito e para que o passado possa, no futuro, continuar a ser alterado. É neste sentido que um dos slogans do *Ingsoc*, partido do controla a Oceania, em *1984* é “*quem controla o passado, controla o futuro*”, que aprende-se a ter ojeriza a tudo que é antigo em *Admirável Mundo Novo* e que a história é apenas *copiada* mecanicamente pelos alunos de *Fahrenheit 451*, ou que os museus tenham se convertido em meros acervos virtuais e que nas três distopias aqui citadas o controle ou extinção dos livros seja símbolo do fim da memória. Como consequência disso os personagens centrais destas obras tentam recompor debilmente suas memórias, amarrar seus fios frágeis como forma de resistência aos regimes que os oprimem. A memória é, nesses casos, expressão não dos fatos decorridos, já que não é possível provar

os fatos lembrados, mas modo de expressão da subjetividade dos protagonistas e da sua afirmação enquanto indivíduos num meio que lhes é hostil e que exige um comportamento de massa.

Tem-se assim, nas distopias literárias duas formas diferentes de memória; uma oficial, parte do discurso do poder vigente e de onde advém este mesmo poder, por meio do controle, não só da história, mas da verdade e do saber; e outra particular, íntima, tênue e que, por isso mesmo, atua como força contrária e foco de resistência. Diante da opressão externa, restam ao indivíduo apenas suas vivências como forma de manter a sanidade. Além disso a memória leva estes personagens ao extremo oposto da distopia, à utopia de um tempo bom, imaginário ou não, ao qual buscam constantemente voltar. A memória e a imaginação são os únicos lugares, dentro da distopia onde tal fuga é possível, com a diferença de que a memória, na medida em que se reporta a um tempo ou a fatos que supostamente existiram, dá uma perspectiva mais concreta de que as coisas podem ser diferentes no futuro, simplesmente porque já foram no passado. Recordar é sinônimo então de ter esperança e de perceber que o regime estabelecido não é eterno, uma vez que houve algo antes da sua existência.

Memória, verdade e história

Diante da opressão dos regimes distópicos os personagens buscam se refugiar e buscar a verdade nas suas memórias. A volta ao passado é uma tentativa de se buscar a sanidade por meio da ancoragem em acontecimentos supostamente inalteráveis, por já terem acontecido. Mas nas distopias, nem mesmo isto serve de garantia para os sujeitos. Em *1984* (ORWELL, 2007) o partido único que controla o Estado, o Ingsoc segue a crença de que “*quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado*” (Ibidem, p.36). Isto significa que, embora o passado fosse constantemente modificado, a sua imutabilidade permanece como dogma. De fato, o passado não pode ser alterado, mas a memória sobre o passado sim. A idéia do Ingsoc é que as gerações seguintes conhecessem apenas o passado oficial, deixando a memória individual de ser refúgio para os indivíduos. Winston vive numa fase de transição em que a memória individual, já em crise, é impotente diante da oficial. Até que esta transição seja completa, vive-se no tempo do duplipensar. “*O que agora era verdade era verdade do sempre aos sempre. Era bem simples. Bastava apenas uma série infanda de vitórias sobre a memória. 'Controle da realidade', chamava-se. Ou, em Novilíngua, 'duplipensar'*” (Ibidem). O Partido era o guardião da “democracia” e da verdade, por isso fazia esquecer tudo o que fosse necessário esquecer, ou trazia coisas de volta à memória ou criava memórias no momento preciso, depois fazia novamente esquecer e, principalmente, induzia as consciências de que tudo era real e que o processo de esquecer, lembrar e esquecer fazia parte da essência da própria verdade (Ibidem, p.37). Daí que Winston acreditava que o passado não fora apenas alterado, mas efetivamente destruído, não era possível restaurar os acontecimentos, pois não havia quaisquer registros deles além da memória.

A alteração do passado é necessária para que os membros do Partido Externo, do qual Winston

fazia parte, assim como também os proles, não tivessem base de comparação e por isso fossem capazes de tolerar as condições de existência em Oceania. A lógica do Ingsoc é que os indivíduos seriam capazes de aceitar mais facilmente suas vidas quando não possuem um exemplo histórico de comparação que aponte para uma sociedade diferente, como o faz Winston ao lembrar da sua infância. Sem outras referências a sociedade oceânica parece a única alternativa possível e, ainda que a realidade nelas fosse diferente em outros contextos, nenhum cidadão da Oceania seria capaz de sabê-lo. As massas, acreditava-se, nunca se revoltariam espontaneamente apenas por serem oprimidas, com efeito, nem ao menos têm padrões de comparação para saberem que são oprimidas. Daí nasce a estabilidade do regime: sem liberdade de pensamento e diante da ausência de história, não há o que fazer nem o que argumentar no sentido da mudança social. A alteração de quaisquer registros é, sob este ponto de vista, fundamental, daí a importância do Ministério da Verdade, apagando e escrevendo a história interruptamente. A reescritura da verdade e da história são realizadas de forma arbitrária. No caso específico de Oceania, Winston sabe que seus cidadãos devem manter-se na maior ignorância possível, devem crer na prosperidade e no desenvolvimento provocados pelo Partido e zelar pela sua infalibilidade, isto é, cuidar para que o Partido nunca erre, não seja jamais derrotado e que as suas profecias se concretizem sempre. Isto quer dizer que não apenas os discursos, estatísticas e registros são alterados para comprovar que o Partido está sempre certo, mas que também para mostrar que nenhuma modificação de doutrina ou agrupamento político além da existente é possível (Ibidem, p.204-5). Em função disso os acontecimentos anteriores e posteriores à revolução são alterados e o poder do Ingsoc estendido para além da sua fundação. Processo semelhante acontece em *Fahrenheit 451* (BRADBURY, 2007) quando Beatty, o chefe dos bombeiros, explica que Benjamin Franklin foi o primeiro bombeiro, e que os bombeiros sempre foram responsáveis por atear fogo às coisas e em *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1981), quando o Diretor do Centro de Incubação fala do descobrimento da hipnopédia. Nas três obras fatos, datas e nomes são transformados paulatinamente em veículos de propagandas do poder estabelecido, ainda que tais dados se refiram à eventos anteriores a ele. Daí que os protagonistas tentam, em detrimento das verdades óbvias que os cercam, sobrepor suas memórias e vivências às informações criadas artificialmente pelos poderes vigentes.

Winston podia às vezes apontar para uma mentira definida, assim como o faz Montag ao descobrir o passado efetivo dos bombeiros. Do mesmo modo que é sabido que Benjamin Franklin jamais fora bombeiro, Winston consegue afirmar perfeitamente que o Ingsoc não havia inventado o aeroplano, como afirmava. (1984, ORWELL, 2007, p.38). Isso porque todos os registros eram modificados para mostrar que as o Partido sempre estivera à frente das coisas boas. Saí a alteração dos fatos e a falsificação cotidiana do passado realizada pelo Ministério da Verdade. Situação semelhante acontece em *Fahrenheit 451*, embora de forma mais sutil. Nesta obra o foco recai sobre o extermínio dos livros, provas documentais não só do passado, mas do pensamento humano. A história apavora o regime instituído pode expor suas brechas e fissuras. Ao ouvir as perguntas de Montag sobre o passado do corpo de bombeiros, Beatty fica indignado: “*Houve um tempo!? (...) que conversa é essa?*”

(*FAHRENHEIT 451*, BRADBURY, 2007, p.49), a verdade que circulava era que o corpo de bombeiros fora fundado em 1790 para queimar os livros de influência inglesa nas colônias (Ibidem, p.50), mas a jovem Clarisse instigara Montag ao dizer que antes os bombeiros apagavam incêndios. Depois, Beatty volta atrás e explica a Montag que todo bombeiro, mais cedo ou mais tarde, passava por isso, e se revela um grande conhecedor de história e literatura e ao explicar, sob os olhares acusadores dos seus subordinados que havia trechos e passagens dos livros que a maioria dos capitães bombeiros precisa conhecer (Ibidem, p.56). Mas os livros em si deveriam ser exterminados, representando também a extinção de quaisquer memórias anteriores ao *modus operandis* vigente. Não deveria haver mais livros, a Bíblia, Shakespeare e Platão, foram eliminados, não haveria mais lugar para qualquer forma de memória, reflexão ou melancolia. Mas Montag julgava que em algum lugar, quando a guerra destruísse aquela civilização, o ato de recuperar e guardar as memórias deveria recomeçar e que até lá alguém teria de se encarregar em salvá-las, de um modo ou de outro, nos livros, nos discos, na cabeça das pessoas (Ibidem, p.170). Por isso Montag se esforça para guardar o único livro que lera, o *Eclesiastes* (Ibidem, p.181), de passaria a viver entre os homens das florestas, outras memórias vivas. Refugiados da civilização, cada um era um livro: fragmentos e obras de história, literatura e direito internacional. Os livros seriam passados adiante oralmente de geração em geração, muito se perderia, mas os homens da floresta esperariam o dia em que os livros poderiam ser reescritos, “*as pessoas serão convocadas, uma a uma, para recitarem o que sabe, e os imprimiremos novamente até a próxima Idade das Trevas*” (Ibidem, p.184). Resta a Montag a certeza de que todos os homens eram únicos, por suas memórias e seus atos (Ibidem, p.186) e o entristece não conseguir se lembrar adequadamente da sua esposa (Ibidem, p.187), como se de alguma forma ela não fosse passível de ser lembrada

Em *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1981) a história fora também modificada, mas o passado (os fatos acontecidos antes de 600 depois de Ford) eram tão longínquos que não haveria memória possível. Como solução para isso Huxley leva o Selvagem à civilização, e ele se torna elo entre passado e presente, entre a reserva e o Mundo Novo. Obviamente o Selvagem não se lembra propriamente do passado, pois a reserva não é uma reconstrução de um tempo determinado, mas a junção de fragmentos de diversos períodos históricos diferentes que foram sendo deixados à margem da civilização ao longo do tempo. Assim, não há história propriamente dita, mas um eterno presente onde nada deverá mudar. O Dirigente Mundial Mustafá Mond deixa isso claro quando explica que não deve haver nenhum progresso histórico, que as coisas devem continuar sempre da mesma forma para que haja estabilidade e felicidade. Também não há história pessoal dos sujeitos. O único que se lembra de algo é John, que assim como Winston valoriza as memórias de infância. Não há passado para os moradores deste Mundo Novo que, sempre jovens não têm nenhuma referência do pretérito, além do tempo de criança, época esta, aliás, que não pode ser valorizada individualmente pois é absolutamente igual para todos. Além disso os fatos históricos são considerados desagradáveis (Ibidem, p.46), pois revelam um passado que é considerado amoral e sujo, por um lado, por outro a ojeriza a ele faz com

que os fatos não sejam questionados ou remexidos. Ao contar fatos do passado para um grupo de jovens, Mond alerta: “*Agora vou falar-lhes de algo que poderá parecer incrível. Mas quando não se está habituado à história, a maioria dos fatos sobre o passado parece incrível*” (Ibidem, p.55). Segundo Mustafá Mond o próprio Ford afirmara que a história é uma pilhéria (Ibidem, p.57), ao explicar que quem gastava tempo estudando história nunca poderia inventar nada revolucionário. A citação é utilizada no Mundo Novo para indicar que o conhecimento histórico é uma ameaça à estabilidade, pois pode implicar em comparações desagradáveis. A pilhéria está manifesta também no fato de que as palavras de Ford são repetidas com uma solenidade quase religiosa no ano de 600 d.F. Mas a religião se restringe unicamente ao culto a Ford. É o seu nascimento que determina a contagem do tempo e o início de uma nova era, marcada não pelo culto irracional a Cristo, paradigma de uma época anterior, a qual o selvagem ainda vinculado. Só deve existir então o tempo presente, instantâneo: a história e a memória são extintas do Novo Mundo. Não existem museus, monumentos históricos ou livros, o passado está destruído e condenado. A pilhéria está manifesta ainda na própria forma como Huxley trata a história. Há no texto várias digressões e flashbacks, especialmente das vivências de John. Mas o autor brinca também com a história dos outros personagens, quando ele interrompe sua narrativa no capítulo 13, por exemplo, para contar o que acontece vinte e dois anos depois ao homem que deixa de ser vacinado ainda quando era feto. A brincadeira se estende ao presente, pois essa é uma forma que Huxley encontra para explicar o que pode ter acontecido a Bernard. De fato, a história é uma pilheria, irônica por si só e por isso mesmo necessita ser regulada.

Considerações finais

Em comum entre as três obras temos que há referências constantes a um tempo original, anacrônico onde as coisas eram puras e boas, representado pela infância de Winston e John, por um lado e por Clarisse, encarnação da infância, com o seu frescor e com os relatos da vida em família e memórias do tio. Entre os atributos mais marcantes dos protagonistas distópicos está a sua confusa relação com o passado e a sensação de inadequação com o presente opressor. Winston e John, principalmente, e Montag e Clarisse, estão presos entre o passado utópico inalcançável, construído esparsamente por suas memórias particulares, registros históricos que sobreviveram e memórias de terceiros, e o presente que lhes fere e lhes é hostil, tentando arrancar deles o que há de mais puro, este passado intocado, o tempo bom, muito mais imaginado do que vivido e que serve de resistência contra um desagradável presente. O confronto entre passado e presente é, aliás, um dos principais motivos de descontentamento dos personagens, que evolui paulatinamente para a contestação, manifestada em Winston pelo diário e engajamento na Fraternidade, no Selvagem com o seu diálogo aberto com Mustafá Mond, que revela todo o seu descontentamento com o Mundo Novo, e posteriormente a fuga e o suicídio e com Montag com a atração pelas histórias de Clarisse e pelos livros, que culmina também com a sua fuga. Mas antes mesmo de quaisquer destas atitudes, o mero cultivo e preservação

de memórias já serve como transgressão, reforçada pela tentativa que ela proporciona de se traçar uma linha cronológico-política que permita compreender a evolução dos regimes políticos. Ao fazer isso estes personagens abrem mão do duplipensar e passam a viver num estado de anacronia em que os tempos se confundem e se constroem. Julgam que não pertencem ao presente, embora sejam infiltrados por ele; sabem que não viverão o futuro, ou em função da sua curta existência física ou pela descrença na concretização deste presente; e não podem mais retornar ao passado. Os personagens distópicos vivem encurralados pela problemática da memória e da história – que são, de fato, a problemática do tempo – e conseguem manter-se precariamente entre os vagos resquícios do passado e as memórias artificiais do presente. O desvendamento das circunstâncias históricas realizados pelos personagens é um desafio similar a montagem de um quebra-cabeça em que sempre faltam algumas peças e que, por isso mesmo, não se pode ver a exatamente a figura que as peças formariam em conjunto, mas apenas supor com base nas partes. São os mecanismos de alteração contínua do passado que impossibilitam que o quebra cabeça seja completado. Deste modo o trabalho de recuperação de memória, não apenas apresenta um risco, por ser considerado heterodoxo, mas também é impossível de ser finalizado por sua própria natureza.

Referências Bibliográficas

BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. Editora Globo: São Paulo, 2007.

HUXLEY, Aldous. Retorno ao Admirável Mundo Novo. 1957. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/peter_pal.pdf>. Acessado em: 13 de Agosto de 2009.

ORWELL, George . *1984*. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 2007.